

Mulheres negras no jornalismo: ética e responsabilidade na construção do olhar crítico

» LAILA OLIVEIRA

Jornalista, mestra em comunicação, doutoranda em sociologia (UFS) e em estudos étnicos e africanos (UFBA)

Fevereiro nos impactou com a partida de uma das maiores referências mundiais no jornalismo, Glória Maria Matta da Silva, a nossa Glória Maria, que teve seu percurso encerrado na Terra após longa batalha pela vida. Mas sua morte física não foi o fim da sua existência, pois, ao longo dos seus 73 anos, contribuiu imensamente para a população brasileira por meio do seu ofício e do seu exemplo de vida, informando, noticiando e opinando sempre a partir de um critério jornalístico de muita seriedade, com leveza e com responsabilidade ao trazer para o público fatos, arte, cultura e denúncias que promoveram educação e transformação no cotidiano das pessoas.

Eu, como mulher negra e jornalista, assim como diversas outras no país, nos encontramos na Glória Maria em algum ponto de nossa vida. Nos emocionamos com sua história, com suas entrevistas e nos inspiramos em sua altivez, elegância e coragem. Quem não se impressionou ao ouvir sua experiência no início da carreira, em um dos momentos mais difíceis do país — que foi o período da ditadura — e ela, muito segura, questionando o general João Baptista Figueiredo? Quanta ousadia e competência, uma profissional à frente do seu tempo.

Seus passos mostraram a nós, mulheres negras comunicadoras, que podemos subverter a ordem das coisas e que, mesmo numa sociedade calcada e bem estruturada no racismo e machismo, em áreas dominadas por homens brancos, podemos dar passos firmes na direção das mudanças, fazer deslocamentos. E ainda, numa perspectiva mais abrangente, ela mostrou ao mundo que o jornalismo fica imenso quando a gente foge da pretensa neutralidade que querem imputar.

As nossas existências negras atravessam o nosso fazer jornalístico e endossam o nosso compromisso com a escrita e diálogo com a população. Dessa forma, entendemos que a ideia de um público que é apenas espectador e consumidor, como se não houvesse espaço para reflexão sobre o que é noticiado, só serve para a manutenção de um sistema que ainda não nos enxerga com a caneta na mão produzindo notícias, mas como pauta e estatísticas em colunas policiais.

O mundo racista treme com mulheres negras que não se submetem, que caminham firmes, eretas e certas de que o ato de comunicar com tanta competência é algo que não vai ser abalado pelo racismo que toma conta das mídias digitais quando essas profissionais e tantas outras se tornam alvo ao ocuparem espaços que historicamente nos foram negados.



A estética também é política num mundo onde a formação e os significados são feitos também por meio de imagens, em um país que, segundo Orofino, do livro *Mídias e mediação escolar*, a maioria dos brasileiros consome e é formada também pela televisão. As nossas percepções de beleza, inteligência, bondade também foram construções midiáticas. Por muitos anos atribuíram aos corpos negros estereótipos negativos e de subalternidade, tanto na ficção quanto na programações jornalísticas, como apontaram produções acadêmicas como as do professor Joel Zito. Afinal, quantos anos esperamos para ver a diversidade aqui fora refletida nas telas?

Mesmo nas TVs públicas que, por definição, teriam como premissa apresentar uma diversidade de profissionais em sua programação — para que a população brasileira se visse representada — isso não ocorre. É essa ausência que indica a pesquisa de Joel Zito. Onde está o negro na TV pública?, que divulgou o lastimável dado que 86% do posto de apresentadores e 93,3% no posto de jornalistas ainda são ocupados por profissionais brancos.

Contrariando essa lógica, mulheres negras que seguem ocupando espaços como aqueles que a Glória ocupou, abrindo horizontes para uma mudança sensível na comunicação, de forma crítica, humana e ética, é revolucionário. Traduz o que sentimos ao ligar a TV e ver ali a Maju em suas primeiras aparições, o coração acelera e a gente vê um novo mundo se descortinar, ouvir a Flávia Oliveira fazer análises tão precisas sobre o cenário político do país, sem medo de estar do lado certo da história. Zileide Silva, uma das primeiras jornalistas negras na TV, que tem uma longa história de carreira e compromisso com a comunicação brasileira, sem esquecer a Roberta Estrela na TV Cultura, trazendo questões como raça e gênero na televisão.

Enfim, somos tantas e diversas, fugindo da falsa narrativa, que só podemos falar sobre nossas identidades. Glória nos legou a certeza de que podemos falar sobre o que quisermos sem as amarras do que esperam de nós. Um brinde aos legados das que abriram portas e às nossas (re)existências midiáticas.

Uma biografia devagar, devagarinho

» ARNALDO NISKIER

Membro da Academia Brasileira de Letras

O cantor e compositor Martinho da Vila é uma figura muito querida. Ele fez muito sucesso com as suas músicas, todas com muita inspiração, baseadas no que hoje chamamos de samba de raiz. E estendeu o seu êxito à família, como acontece com a filha Martinália. Martinho da Vila é considerado um dos maiores representantes do samba e da MPB no Brasil, com toda a razão e com todos os méritos.

Nascido em Duas Barras, Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1938, Martinho José Ferreira é filho de lavradores da Fazenda do Cedro Grande. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos quatro anos e foi criado na Serra dos Pretos Forros. Sua primeira profissão foi auxiliar de químico industrial, função aprendida no curso intensivo do Senai. Servindo o Exército como sargento burocrata, cursou a Escola de Instrução Especializada, tornando-se escrevente e contador, profissões que abandonou em 1970 para se dedicar à carreira de cantor.

Casado com Clediomar Corrêa Liscano Ferreira (Cleo) desde 1993, é pai de oito filhos e avô de 10 netos. Como cantor e compositor, criou músicas de vários ritmos, tais como ciranda, frevo, coco, samba de roda, capoeira, bossa nova, calango, samba-enredo, toada e sambas africanos.

Sua primeira grande apresentação foi no III Festival da Record, em 1967, com a música *Menina moça*. O sucesso veio no ano seguinte, na quarta edição do festival, com a canção *Casa de bamba*, da qual fez parte do corpo de jurados.

O primeiro disco foi lançado em 1969, intitulado *Martinho da Vila*. Fez parte da extinta escola de samba Aprendizes da Boca do Mato até 1965, quando passou a se dedicar à Unidos de Vila Isabel, cuja história se confunde com a do próprio compositor, autor de vários sambas-enredo. Em 1988, criou o memorável *Kizomba* — a *Festa da Raça*, garantindo para a Vila o título de campeã do carnaval carioca.

Martinho torce para o Vasco da Gama, e compôs duas músicas em homenagem ao

clube do coração. Em 2009, foi lançado o documentário *O pequeno burguês — filosofia de vida*, que conta um pouco da vida artística e particular do artista. No fim de 2012, fez participação na série de TV *Meu anjo*, produzida pela produtora Telemilênio.

Em 2017, aos 79 anos, ingressou na Faculdade de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro, segundo ele, para “entender um pouco mais das relações internacionais em termos históricos, na teoria, já atuando havia algum tempo nessa área, como embaixador cultural de Angola e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Frequentou as aulas regularmente e de forma presencial, cumprindo todas as exigências do curso, mas não o concluiu. Cursou até o terceiro ano (o último ano seria para preparar o aluno para o mercado de trabalho, o que não era seu interesse).

Martinho foi o primeiro sambista a ultrapassar a marca de um milhão de cópias com o CD *Tá delícia, tá gostoso*, lançado em 1995. Já era um compositor bastante conhecido quando voltou a Duas Barras, a convite da prefeitura, para uma festa em sua homenagem. Foi, então, que descobriu que a fazenda onde nascera estava à venda e a adquiriu. Seu acervo de obras musicais e literárias encontra-se em Duas Barras, bem como os prêmios recebidos, entre os quais os títulos de Cidadão Carioca, Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, Comendador da República (Grau de Oficial) e a Ordem do Mérito Cultural (pela contribuição à cultura brasileira). Martinho da Vila recebeu ainda as Medalhas Tiradentes e Pedro Ernesto e, em 1991, o Prêmio Shell de Música Popular Brasileira.

Com reconhecido ecletismo musical, valorizado internacionalmente, Martinho lançou, em 1989, o disco *O canto das lavadeiras*, baseado em nosso folclore e, no ano 2000, *Lusofonia*, reunindo canções lusófonas mundiais. Apresentou, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em setembro de 2000, seu projeto *Concerto Negro*, idealizado em parceria com

o maestro Leonardo Bruno, enfocando a presença da cultura negra na música erudita.

Em 1999, fundou a Editora ZFM e publicou o primeiro romance: *Joana e Joanes*. Escreveu, ainda, seis outros livros: *Vamos brincar de política* (1986), voltado para o público juvenil; *Kizombas, andanças e festanças* (1992), de teor autobiográfico; *Ópera negra* (1998), que idealiza a apresentação, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de uma ópera que busca traçar a história do negro no Brasil; *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* (2003), que conta a vida de sua mãe; *Os lusófonos* (2006), no qual destaca o cruzamento das culturas de língua portuguesa; *Vermelho 17*, romance centrado nos conflitos, emoções e experiências de um jovem de 17 anos; *A Serra do Rola-Moça*, novela cujo tema central é a família Gullar Drummond, de Belo Horizonte.

O longo período de isolamento social provocado pela pandemia de covid-19 fez o lado escritor de Martinho da Vila ampliar o espaço junto ao público infantojuvenil. Autor de dois livros infantis (*A rainha da bateria* e *A rosa vermelha e o cravo branco*), publicados pela editora Lazuli, não hesitou em aceitar o convite do editor Miguel de Almeida, de quem partiu a ideia de produzir uma série de biografias de sambistas geniais para o conhecimento do público mirim.

Presença obrigatória em qualquer lista com os maiores nomes do samba brasileiro, Martinho da Vila foi encarregado de selecionar — e narrar para crianças — a história dos maiores gênios do gênero no país. Apesar de a coleção ser voltada para o público infantojuvenil, a narrativa — coloquial e agradável, características do autor — desperta interesse em todas as idades. Com ilustrações de Werner Schulz, os livros preenchem uma lacuna no mercado literário do Brasil.

Para marcar o aniversário de 85 anos, o mestre querido lançou o livro *Memórias de Teresa de Jesus*, pela Editora Malê. A obra narra histórias contadas pela mãe do sambista, também vividas por muitas famílias negras no país.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Músicas imortais

É possível dizer que na vida de todos nós, da infância à velhice, em cada período e de modo diverso, existiu sempre, em todo o tempo e lugar, um fundo musical, vindo do rádio ou outro meio qualquer, imprimindo em nossa memória auditiva os traços que marcam essas etapas de nossa existência, compondo assim o que seria a trilha musical de nossa existência.

Para aqueles que vieram para construção da capital, nas primeiras décadas do século passado, está gravado na memória todo o repertório musical que marcou aqueles anos incríveis. O fato é que existe, sim, uma trilha sonora diversa, a embalar como músicas de fundo, toda a barulhenta e agitada construção de Brasília, misturando músicas nacionais e internacionais ao som estridente de uma cidade que nascia no meio de nada.

De Luiz Gonzaga aos Beatles, toda a movimentação de operários e candangos era regida por trilhas musicais daquele período. Coincidentemente, a extraordinária epopeia de se erguer uma moderna capital no vazio esquecido do Centro-Oeste foi toda embalada por um tempo também marcado por uma espetacular explosão de criatividade musical, inserindo o nascimento de uma cidade numa época de efervescência melódica, quando foram compostas músicas ainda vivas na memória dos brasileiros daqueles anos.

Há até quem diga que sem essa trilha sonora sem igual, a construção de Brasília não teria o mesmo ritmo e cadência. Fazer uma lista dessas obras, mesmo que enorme, seria, por certo, um trabalho injusto, uma vez que deixaria muitas composições de fora desse rol. Contamos com os leitores para aumentar essa lista. Algumas das músicas mais emblemáticas, tocadas nas rádios naqueles anos incluem trabalhos como: *Garota de Ipanema* e *Água de beber*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes; *Mas que nada*; de Jorge Ben; *Corcovado* (*Quiet Nights of Quiet Stars*), de Tom Jobim; *Samba de janeiro*, de Carlos Alberto Cruz e Jair Amorim; *Chega de saudade*, de Tom Jobim; *Desafinado*, de Tom Jobim e Newton Mendonça; *A banda*, de Chico Buarque; *Menino desce o morro*, de Tom Zé; *Você*, de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle; *Berimbau*, de Baden Powell e Vinícius de Moraes.

Essas músicas se inserem tanto dentro do movimento da Bossa Nova quanto da música popular, que apontavam para um novo momento em que a realidade do país, suas contradições e desigualdades, começavam a ser exploradas pelos compositores daquele período. Todas elas ocupam hoje o patamar da Música Popular Brasileira (MPB), sendo consideradas clássicos nacionais. Por certo, essa não era a trilha sonora de agrado dos operários que, naquela época, ouviam Luiz Gonzaga, xotes, baião, quadrilha, samba-de-coco, forró, frevo, maracatu e muitos outros estilos regionais.

Programas radiofônicos matinais, como o do *Coronel Ludugero* ou *De cá, você de lá*, apresentavam, ao lado das atrações de humor e curiosidades, uma longa lista de pedidos musicais, a maioria dedicada a pessoas e amadas que ficaram em outros estados.

Para os que vinham transferidos para a nova capital, a grade de rádio dos primeiros anos da capital apresentava programas como o Não Diga Não, comandado pelo radialista Galeb Baufaker, que com seu topete típico de Bad Boy, introduzia, pioneiramente, o melhor do rock n' roll na cidade, trazendo novidades como os Beatles, Rolling Stones, Beach Boys e tantos outros.

Dando um salto de mais uma ou duas décadas no tempo, aos candangos era apresentada a música cinematográfica de Burt Bacharach, amplamente reconhecido como um dos compositores mais importantes e influentes da música popular do século 20 e que, agora, nos deixou aos 94 anos. Sua obra inclui uma ampla gama de sucessos pop, R&B e música de filmes, bem como peças teatrais de sucesso. A habilidade única de Bacharach de combinar melodias melancólicas e harmonias sofisticadas com letras significativas e inteligentes resultou em algumas das músicas mais memoráveis e amadas de todos os tempos, incluindo *What the world needs now is love, I say a little prayer*, e *Close to you*. Além disso, sua parceria com o letrista Hal David resultou em algumas das mais bem-sucedidas colaborações na história da música popular.

A influência de Bacharach na música contemporânea é inegável. Suas composições foram amplamente elogiadas por críticos e apreciadas por público de todas as idades e gêneros musicais. Ele também teve um impacto significativo na cultura popular como um todo, com suas músicas sendo frequentemente referenciadas e parodiadas em filmes, televisão e mídia. Em resumo, a obra de Burt Bacharach é de enorme importância na música popular do século 20 e continua a ser uma fonte de inspiração para muitos artistas contemporâneos. Sua morte recente é uma perda triste para a comunidade musical, mas sua música viverá para sempre como um legado duradouro de seu talento e habilidade única como compositor.

» A frase que foi pronunciada

“Nunca gostei de ser enganado por uma namorada ou agente, e, certamente, pelo presidente dos Estados Unidos.”

Burt Bacharach

» História de Brasília

Você que dirige em superquadra, saiba que subindo ou descendo O ideal seria que o fizesse em segunda, seja qual for a marca do seu carro. Nessa marcha você evitará trombadas e atropelamentos. (Publicada em 15/3/1962)